

CORREIO ECONÔMICO

Confiança da Indústria tem a segunda queda seguida

Com o recuo, indicador do Ibre-FGV baixou para 99,9 pontos

Agência de Notícias da Indústria

Por Marcello Sigwalt

Segunda queda consecutiva, o Índice de Confiança da Indústria (ICI), calculado pelo Ibre-FGV (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas) recuou 0,6 ponto em outubro, para 99,9 pontos. Idêntica variação apresentou o indicador, em médias móveis trimestrais, após cinco altas consecutivas, para 100,7 pontos.

De acordo com análise do economista do Ibre-FGV, Stéfano Pacini, “a confiança da indústria registrou, em outubro, sua segunda queda consecutiva. O resultado reforça a ideia do mês passado de um alerta ligado para fim do ano, dado que apesar de bons resultados recentes na demanda, o setor dá sinais de novo aumento dos estoques. Apesar disso, a percepção dos empresários sobre o presente é positiva na maior parte dos segmentos, mas em relação ao futuro o sentimento é de cautela. No cenário macroeconômico, a taxa de juros se mantém alta com o intuito de conter pressões de custos



Indústria tupiniquim ‘desacelera’ e cai pela segunda vez seguida, com alta de estoques

num ambiente em que os indicadores de emprego e renda continuam positivos.”

Outra conclusão do estudo da Fundação foi que, em outubro corrente, houve declínio da confiança em sete dos 19 segmentos industriais pesqui-

sados, embora esse dado ainda reflita a existência de relativa estabilidade nas avaliações sobre a situação atual e piora nas expectativas em relação aos próximos meses. Já o Índice Situação Atual (ISA) recuou 0,1 ponto, para 102,9 pontos, e o Índice

de Expectativas (IE) caiu 1,3 ponto (96,8 pontos).

Já a pesquisa da CNI observou, nessa terça-feira (29), que houve recuo da confiança em 18 dos 29 segmentos industriais neste mês, com expansão nos 11 restantes.



Agência de Notícias da Indústria

BNDES e DFC fecham acordo estratégico ao país

BNDES e DFC fecham acordo estratégico nos EUA

Aprimorar as oportunidades de investimentos conjuntos no país. Com essa meta, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e o U.S. International Development Finance Corporation (DFC) – banco de desenvolvimento dos EUA – assinaram um acordo-quadro de cooperação, segundo anúncio divulgado nessa segunda-feira (28), em Washin-

gton, D.C.

Conforme o acordo, as áreas beneficiadas estão: saúde, inovação, infraestrutura crítica e conectividade, mineração, biocombustíveis, descarbonização e hidrogênio verde, agricultura regenerativa, baterias e semicondutores de eletromobilidade, para fortalecer setores estratégicos ao crescimento econômico sustentável nacional.

Trabalho conjunto

Para a vice-presidente e conselheira geral do DFC, Sarah Fandell, a instituição visa “manter boas parcerias com outras instituições financeiras de desenvolvimento, em trabalho conjunto em favor do crescimento sustentável e a prosperidade pela iniciativa privada.

Crescimento

Para o diretor de Planejamento e Relações Institucionais do BNDES, Nelson Barbosa, “as experiências e recursos das duas instituições reforçarão o progresso econômico em setores relevantes, em favor do desenvolvimento econômico sustentável do país”.

Stéferson Faria - Agência Petrobras



Produção de óleo equivalente da estatal teve queda

Produção da Petrobras cai 6,5% no terceiro trimestre

Ao fechar o terceiro trimestre (3T24) com uma produção média de 2,689 milhões de barris diários (boed) de óleo equivalente (petróleo e gás natural), o indicador da Petrobras apresentou queda de 6,5%, no comparativo anual. Já em relação ao trimestre anterior (2T24), a produção permaneceu praticamente estável, se-

gundo relatório da companhia, divulgado nessa segunda-feira (28).

Entre os destaques, a petroleira apontou o topo de produção do FPSO Sepetiba, no campo de Mero, com a entrada em operação de três novos poços produtores ea entrada de novos poços em projetos nos campos de Búzios e Tupi.

Recuo

Acompanhando a tendência do indicador, em geral, a produção comercial de óleo e gás da Petrobras, de 2,337 milhões de boe/d no 3T24, recuou 7,9%, no comparativo anual, e declínio de 0,8%, em comparação com a média dos três meses imediatamente anteriores.

Gás avança

Em contraste, a produção de gás natural, ao totalizar 525 mil boe/d, estável na comparação anual, avançou de 3,3%, ante o trimestre anterior (2T24). No pré-sal, foram extraídos 1,822 milhão de bpd de julho a setembro, redução de 2,7% ante o terceiro trimestre de 2023.

Rolagem

A taxa de rolagem de empréstimos de médio e longo prazo captados no exterior subiu de 86% para 98%, em setembro de 2023 para igual mês de 2024, informou o BC. Abaixo de 100%, o patamar exibe captação de valor insuficiente para rolar compromissos.

Salto

A taxa de rolagem dos títulos de longo prazo saltou de 52% para 203% (setembro2023/setembro2024), e a taxa dos empréstimos caiu de 94% para 77%, no mesmo comparativo anual. No acumulado do ano, até setembro, a taxa de rolagem total ficou em 113%.

Transações correntes: déficit de US\$ 6,5 bi

Atestado de deterioração das contas externas do país, as transações correntes do balanço de pagamentos apresentaram déficit de US\$ 6,5 bilhões em setembro de 2024, em contraste com o superávit de US\$ 268 milhões, em igual mês do ano passado. No mesmo comparativo anual, o saldo comercial somou US\$ 4,8 bilhões, ou US\$ 3,7 bilhões abaixo do dado de 2023.

O déficit em transações cor-

rentes nos doze meses encerrados em setembro de 2024 somou US\$ 45,8 bilhões (2,07% do PIB), ante US\$ 39,0 bilhões (1,76% do PIB) no mês anterior e US\$ 25,3 bilhões (1,20% do PIB) em setembro de 2023.

A balança comercial de bens foi superavitária em US\$ 4,8 bilhões em setembro de 2024, ante saldo positivo de US\$ 8,5 bilhões em setembro de 2023. As exportações de bens somaram US\$ 29,0 bilhões no mês,

aumento de 0,3% em relação a setembro do ano anterior. As importações de bens totalizaram US\$ 24,2 bilhões, correspondendo a aumento de 18,4% na mesma base de comparação.

O déficit na conta de serviços totalizou US\$ 5,0 bilhões no mês, ante déficit de US\$ 3,5 bilhões em setembro de 2023, aumento de 44,4%. Na mesma base comparativa, cresceram as despesas líquidas de serviços de transportes, 49,5%, totalizando

US\$ 1,5 bilhão.

Os investimentos diretos no país (IDP) somaram ingressos líquidos de US\$ 5,2 bilhões em setembro de 2024, pouco acima dos US\$ 5,1 bilhões ocorridos em setembro de 2023. Os ingressos líquidos em participação no capital atingiram US\$ 3,7 bilhões, compreendendo US\$ 1,5 bilhão em participação no capital exceto lucros reinvestidos e US\$ 2,2 bilhões em lucros reinvestidos.

Pressão cambial derruba o Ibovespa

Ibre FGV



Ibovespa não consegue sustentar os 131 mil pontos

Em dia de retomada da pressão no câmbio, o Ibovespa lutou até o início da tarde, mas não conseguiu segurar a linha dos 131 mil pontos, convergindo para os 130.729,93 pontos, em baixa de 0,37% no fechamento. Nesta terça-feira, oscilou dos 130.693,36 aos 131.764,70 pontos, saindo de abertura aos 131.214,17 pontos. O giro financeiro permaneceu moderado na sessão, a R\$ 17,1 bilhões. Na semana, o Ibovespa ainda avança 0,64%, cedendo 0,82% no mês e 2,58% no ano.

Enquanto aguarda a definição do governo sobre cortes de gastos, tanto o dólar como a curva de juros doméstica se mantiveram em alta, refletindo também ambiente externo um pouco mais crispado.

A expectativa de que o republicano Donald Trump venha a sair vitorioso na próxima terça-feira, dia 5, da eleição pre-

sidencial norte-americana pode trazer efeitos para o ritmo de redução de juros nos EUA, frente à possibilidade de mais déficit e inflação na maior economia do mundo – o que resultaria em ritmo mais cauteloso de cortes pelo Federal Reserve, o banco central norte-americano.

“O mercado está se preparando para uma vitória de Trump. Eventual vitória dele deve resultar em fortalecimento do dólar, e também em inflação e juros americanos mais altos por mais tempo. Por sua vez, a democrata Kamala Harris, sem um Senado a seu favor,

não conseguiria promover muitos ajustes”, diz Keone Kojin, economista da Valor Investimentos, destacando o elevado grau de incerteza e aversão a risco que prevalece no momento, e que deve prosseguir no curtíssimo prazo.

Aqui, a atenção se volta à indicação de que o governo anuncie em breve os prometidos cortes de gastos. No período da tarde desta terça, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que voltará a se reunir na quarta-feira com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas acrescentou não haver data definida para que o pacote de ajuste seja anunciado. As declarações fizeram pouco para conter a pressão vista desde mais cedo especialmente no câmbio, mas também na curva de juros. No fechamento, o dólar à vista mostrava alta de 0,92%, a R\$ 5,7616, com máxima na sessão a R\$ 5,7672.

Sob tensão, juros futuros avançam

Os juros futuros terminaram a sessão em alta. O mercado não teve fôlego para sustentar o alívio nos prêmios apresentado pela manhã dessa terça (29).

As taxas passaram a subir no começo da tarde, com o ambiente externo inicialmente comandando a virada a partir da piora nos bônus globais e fortalecimento do dólar ante o real.

Internamente, a impaciência em relação ao pacote de corte de gastos vai tomando conta

dos investidores, na ausência de sinais concretos da agenda de revisão de gastos, passado o segundo turno das eleições municipais.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 encerrou em 12,74%, de 12,70% ontem no ajuste, e a do DI para janeiro de 2027 subiu de 12,83% para 12,91%. O DI para janeiro de 2029 projetava taxa de 12,94% (de 12,85% ontem).

Desde ontem o mercado vem tentando emplacar uma correção em baixa, mas sem força para avançar de forma consistente, dada a expectativa pelas medidas fiscais e incertezas no exterior.

A curva chegou a testar um fechamento, mas esbarrou na piora dos Treasuries e do câmbio – a taxa da T-Note de dez anos chegou a romper os 4,30% e o dólar atingiu R\$ 5,76, sua maior cotação em dois anos.

Posteriormente, os juros dos títulos do Tesouro dos EUA inverteram a alta, mas o dólar manteve-se pressionado ante o real, para fechar nos R\$ 5,7616, pico desde março de 2021.

“Estamos fazendo as contas”, afirmou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que admitiu não saber de onde saiu o número, que circulou no mercado, ao longo do dia, no sentido de que o ajuste seria entre R\$ 30 bilhões e R\$ 50 bilhões.